

A educação no território amazônico: compreendendo diversidades

Resenha do livro: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SANTOS, Raquel Amorim dos Santos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. *Educação e Diversidades na Amazônia*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. 169 p. (Coleção Formação de Professores & Relações Étnico-Raciais).

Antonio Matheus do Rosário Corrêa
Graduando em Pedagogia
Universidade Federal do Pará
matheus.correa122@gmail.com

Educação e Diversidades na Amazônia é um estudo dos diferentes cenários educacionais presentes na Amazônia brasileira, demonstrando como se desenvolvem os processos educativos nos espaços que a constituem, a exemplo de comunidades quilombolas e comunidades ribeirinhas. Nesse sentido, as autoras apresentam ao leitor elementos que configuram o território amazônico, rico em saberes, vivências e culturas que podem ser interpretadas em uma perspectiva educacional, visando sempre às escolas da educação básica.

Wilma de Nazaré Baía Coelho, Raquel Amorim dos Santos e Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e Silva são pesquisadoras do Núcleo de Estudos sobre Formação de Professores para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA), sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Elas trazem nesta obra algumas reflexões sobre a educação em diferentes contextos e ambientes da

Amazônia brasileira, juntamente com colaborações de outros pesquisadores – através de entrevista –, como o Prof. Dr. Mauro César Coelho, que direciona seus estudos no campo da história indígena e ensino de história no que diz respeito aos livros didáticos. As autoras pretendem apresentar algumas informações e tecer reflexões sobre o atual cenário educacional no território amazônico, entendido como um ambiente rico em culturas, línguas, histórias, fauna e flora. Coelho, Santos e Silva (2015) objetivam reconhecer e valorizar a diversidade sociocultural existente na Amazônia, com enfoque na educação.

O livro é organizado em seis capítulos, escritos em conjunto pelas autoras. Em linguagem simples de ser compreendida, a obra retrata os diferentes povos que encontramos no contexto amazônico, dentre os quais podemos citar ribeirinhos, indígenas e quilombolas, destacando os saberes, mitos, arquitetura e os modelos educacionais vigentes. Os capítulos se estruturam por meio de seções e subseções, apresentando a caracterização de cada território, inventário, cultura, biodiversidade e, no final, um glosário léxico com os termos que foram negritados no decorrer do texto.

De antemão, dois conceitos são importantes para o desenvolvimento da leitura e compreensão das discussões propostas: educação e diversidade. O primeiro é definido pelas autoras a partir da realidade dessa região, tendo como princípio os conhecimentos e atitudes que dizem respeito à diferença étnico-racial e à prática da conservação ambiental, haja vista os laços construídos na relação homem-natureza, caracterizadas no respeito para com o meio natural. Já a diversidade pode ser compreendida como uma construção dinâmica, histórica, cultural e social das diferenças de um povo, resultante das interações entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças e similitudes, assim como as suas tensões, desigualdades e lutas.

No primeiro capítulo, Diversidade e Educação, além de desdobrar os conceitos de educação, diversidade e de apresentar os diferentes povos e etnias que compõem a pluralidade amazônica, aborda-se o direito à educação nos termos da Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para cada modalidade educacional. Aqui, ressalta-se a importância de entendermos os processos educativos no contexto amazônico de forma dinamizada. Observando a di-

menção territorial, deve-se considerar as particularidades e especificidades locais.

Educação Escolar na Amazônia, na sequência, traz discussões acerca do Ensino Fundamental Regular na Amazônia e a expansão do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos, assim como as razões para esta ampliação do tempo que a criança passa na escola. Quando falamos de escola e seus alunos, é importante discutir a formação de professores, o que fazem as autoras por meio da apresentação de algumas políticas de formação docente, como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO).

No terceiro capítulo, intitulado Educação Ribeirinha na Amazônia, as discussões se dão em formato de diálogo, com perguntas e respostas sobre os elementos que constituem e caracterizam as comunidades ribeirinhas, de modo particular os aspectos educacionais. Em uma breve introdução, Coelho, Santos e Silva (2015) afirmam que a necessidade de dar atenção aos tipos de educação na Amazônia se explica a partir das características deste território, considerando que “[...] a construção da Educação carrega as marcas históricas da diversidade étnico-racial de populações às margens de nossos rios, lagos, igarapés, florestas, as quais dominam saberes [...]” (COELHO, AMORIM e SILVA, 2015, p. 49).

Salientam que os professores devem priorizar a realidade dos sujeitos e respeitar suas especificidades e saberes inerente a suas vivências para além da escola. As construções, as ervas como finalidade medicinal e a pesca são fundamentais ao processo educativo, já que a educação é concebida como um desenvolvimento contínuo que não se delimita apenas ao âmbito escolar, mas à totalidade dos contextos, como a casa e demais espaços. Elas ressaltam também as manifestações culturais e religiosas dos ribeirinhos, conhecidos pelos mitos e crenças de influência indígena e africana que são passadas por gerações.

No quarto capítulo, Educação indígena na Amazônia, Coelho, Santos e Silva (2015) começam pelo esclarecimento do termo correto para nos referirmos aos indígenas: povos indígenas, tendo em vista as particularidades e pluralidades de suas crenças, línguas e tradições. Assim, explicam que a Educação Escolar Indígena deve ter como princípio a interculturalidade, ou seja, a escola deve levar em consideração a complexidade das memórias e identidades étnicas, valorizando as línguas e os saberes lo-

cais, além de garantir aos indígenas conhecimentos técnicos e científicos.

Outros aspectos observados neste capítulo são a formação de professores e a organização da Educação Escolar Indígena. As autoras relatam que as escolas indígenas ainda estão distantes de efetivamente condizerem com o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Indígena e a LDB estabelecem. Assim, discorrem sobre as questões relacionadas à avaliação e às metodologias que seriam adequadas ao ensino, considerando que cada aldeia tem suas especificidades. Uma das responsabilidades da escola é reconhecer e valorizar essas qualidades, utilizando o espaço de aula como difusor da ideia de que os povos indígenas foram e continuam sendo agentes fundamentais na história do Brasil (COELHO, MELO, 2016).

Educação Quilombola na Amazônia tem como escopo tratar das comunidades quilombolas no território amazônico. As autoras explicam que a palavra “quilombo” significa “grupo unido” e descrevem que, no Brasil, estes foram formados principalmente por escravos que se rebelaram contra os senhores que os mantinham cativos, escondendo-se nas matas. Nesta narrativa, introduzem Zumbi de Palmares. Nascido em 1655, esta figura histórica é apresentada como um símbolo da luta contra a escravatura, juntamente com a instituição do Dia Nacional da Consciência Negra. Salientamos a importância de valorizar e reconhecer este protagonista da resistência à escravidão para a eficiência de uma pedagogia antirracista dentro e fora da escola (MUNANGA, GOMES, 2016).

A partir desta contextualização, as autoras versam sobre a Educação Quilombola do ponto de vista conceitual, discutindo a diversidade que inclui a família e as vivências com a natureza, a religiosidade e as culturas advindas da África. É significativo ressaltar que Coelho, Santos e Silva (2015) não só apresentam as características das comunidades quilombolas e das pessoas que fazem parte delas, mas enfatizam as suas contribuições como influências em diferentes práticas culturais compartilhadas por muitos outros segmentos da população brasileira, seja em festas, artes ou na gastronomia, merecendo o devido reconhecimento.

O capítulo seis, Educação Ambiental na Amazônia, inicia com a música de Nilson Chaves e Jamil Damous chamada “Toca Tocantins”, que versa sobre a beleza das águas do Rio Tocantins. Assim são traçadas as primeiras palavras sobre a importância da preservação e valorização dos rios e demais recursos na-

turais que estão presentes na Amazônia. Deste modo, as autoras conceituam a Educação Ambiental como uma forma de ensinar sobre a preservação, valorização e extração não predatória de bens naturais pensando nas próximas gerações.

Coelho, Santos e Silva (2015) atentam para a aplicabilidade da Educação Ambiental nas escolas ribeirinhas, indígenas e quilombolas, inferindo que cada método de ensino deve estar pautado na diferença, o que significa considerar as identidades e particularidades de cada comunidade e primar pelo respeito à natureza, incluindo fauna e flora, e à relação entre os seres humanos. Deve-se discutir também a preservação e a extração responsável dos recursos naturais. Chamamos atenção para a importância da formação de professores, seja inicial, permanente ou continuada, para o ensino da Educação Ambiental nesses contextos, reforçando que o conteúdo pedagógico deve relacionar os conhecimentos específicos científicos e a realidade que circunda a escola, por meio de uma educação formal e não formal, visando os alunos e o trato para com o meio ambiente.

As últimas páginas do livro são dedicadas a uma enquete intitulada *O que dizem os pesquisadores sobre Educação e Diversidade na Amazônia*. Foram entrevistados alguns pesquisadores paraenses, dentre os quais estão o Prof. Dr. Mauro Cezar Coelho (área de pesquisa na atualidade: ensino de história – livro didático); Profa. Dra. Jane Felipe Beltrão (área de pesquisa na atualidade: povos indígenas e populações tradicionais); Prof. Dr. Márcio Couto Henrique (área de pesquisa na atualidade: história indígena); e Profa. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin (área de pesquisa na atualidade: escravidão no Pará, comunidades remanescentes de Quilombo, territórios, identidades e cartografia social).

No decorrer da leitura, percebemos o quanto é complexo educar pessoas nas escolas da região amazônica, principalmente por causa da extensão e dificuldade em formar professores para lecionar com qualidade nos espaços apontados nesta obra. Como exemplo cabe citar a comunidade de Vila Q’Era, localizada às margens do Rio Caeté, na cidade de Bragança/PA, onde podemos encontrar traços da educação ribeirinha, como a pesca, a agricultura familiar, a agricultura de subsistência e o artesanato, entre outras. A partir das reflexões anteriores, compreendemos que a educação oferecida a essa população não pode ser a mesma realizada no centro urbano da cidade, mas deve estar fundamentada nas particularidades, costumes e conhecimentos ine-

rentes à região, garantindo uma aprendizagem voltada para a realidade local.

O livro aqui resenhado pode ser indicado àqueles que têm o interesse de estudar e compreender um pouco mais a complexidade que permeia a educação no ambiente amazônico. Mesmo sendo um livro sintetizado, se comparado a outras obras que retratam a Amazônia, ele oferece subsídios ao leitor que deseja iniciar pesquisas neste campo, assim como aos demais intelectuais que anseiam aprender um pouco mais sobre estes locais.

Em suma, Educação e Diversidades na Amazônia propicia ampliar o conhecimento sobre as características de nossa cultura e sobre o que deve ser inserido nos ambientes escolares de comunidades quilombolas, ribeirinhas e/ou comunidades indígenas, quebrando com as visões estereotipadas sobre essas populações que são pertencentes ao nosso país e ricas em culturas, crenças, saberes, conhecimentos, gastronomias, dentro outras qualidades e características que se inserem na sociedade brasileira contemporânea.

As autoras presenteiam os leitores com um livro que auxilia na ampliação das discussões sobre a temática das diversidades do contexto amazônico e a educação escolar, principalmente no tipo de narrativa pedagógica que é desenvolvida, voltando-se para a produção de conhecimentos e reconhecimentos sobre as realidades da Amazônia a partir da valorização das diferenças e diversidades culturais existentes.

Referências

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SANTOS, Raquel Amorim dos Santos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. *Educação e diversidades na Amazônia*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

COELHO, Mauro C; MELO, Vinícius Z. Os índios do Brasil em perspectiva histórica: possibilidades de trabalhar a História Indígena em sala de aula. In: COELHO, Wilma de N. B. C; SILVA, Carlos A. F. da; SOARES, Nicelma J. B. (Org.). *A diversidade em discussão: inclusão, ações afirmativas e práticas docentes*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. pp. 125-155.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.